

O IMPERADOR DO BRASIL E SUAS TRADUÇÕES: UMA NOVA LEITURA (OU A PRIMEIRA?)

Sergio Romanelli

RESUMO: Neste artigo pretendo abordar um dos projetos desenvolvidos pelo Núcleo de Estudos do Processo Criativo (NUPROC, www.nuproc.cce.ufsc.br) da UFSC. Os documentos de processo constituem-se de manuscritos de traduções de várias línguas feitas pelo Imperador Dom Pedro II e de cartas trocadas ao longo de sua vida com vários intelectuais europeus e americanos, além de páginas de seus diários que trazem informações relevantes acerca da atividade tradutória. Ainda que muitas biografias tragam a informação dessa atividade na vida do imperador nenhum grupo de pesquisa até hoje tinha se debruçado sobre a análise minuciosa de seus manuscritos tradutórios guardados junto ao Arquivo Histórico no Museu de Petrópolis. Esta pesquisa conta com o apoio do CNPq e tem recebido destaque na imprensa nacional brasileira.

Palavras-chave: Dom Pedro II. Línguas estrangeiras. Estudo de processo tradutório.

ABSTRACT: In this work I plan to analyze one of the projects developed by Núcleo de Estudos do Processo Criativo (NUPROC, www.nuproc.cce.ufsc.br) of UFSC. The process documents are made up of manuscripts of translations from various languages made by the Emperor Dom Pedro II, letters exchanged throughout his life with many European and American intellectuals and pages of his diaries that provide relevant information about his translational activity. Although many biographies bring the information of this activity in his life, any research group to date had been working on a thorough analysis of his manuscripts, which are now at the Historical Archive in the Petrópolis Museum. This research has been supported by CNPq and has received prominence in the Brazilian national press.

Keywords: Emperor Dom Pedro II. Foreign Languages. Translation process.

Introdução

A pesquisa que apresento aqui está sendo desenvolvida por mim e por um grupo de graduandos, mestrandos e doutorandos da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto teve seu início em 2009 e redundou em vários artigos publicados em revistas nacionais e internacionais e no livro *Dom Pedro II: um tradutor imperial* (2013) publicado em coautoria com a Profa. Noêmia Guimarães Soares e Rosane de Souza; além disso, a pesquisa deu origem a vários trabalhos acadêmicos: trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado.³¹ Todas essas pesquisas visaram, e visam, ilustrar a importância da tradução na vida do Imperador assim como no Brasil imperial. Ao lado desse primeiro objetivo, há também a intenção, e diria quase a necessidade, de resgatar esse material manuscrito esquecido durante um século e meio; e também revisar, do ponto de vista historiográfico, esse aspecto do imperador muito superficialmente tachada de atividade insignificante de um monarca entediado. Talvez pelo fato de abordar pela primeira vez a análise da atividade tradutória e intelectual partindo de um estudo sistemático de seus manuscritos, poderia dizer que se trata de fato da primeira leitura empírica e abrangente deste aspecto do Imperador.

Ao estudar os manuscritos guardados no Arquivo Histórico de Petrópolis, alguns manuseáveis e legíveis, outros já não mais analisáveis, encontrei uma quantidade significativa de textos traduzidos de várias línguas antigas e modernas (árabe, sânscrito, hebraico, latim, francês, italiano, alemão, espanhol, provençal, quéchua, etc.) e uma igualmente grande quantidade de cartas trocadas ao longo da vida com intelectuais e cientistas do mundo inteiro. O que mais chamou a atenção de imediato foi a abrangência dessa produção, mas, sobretudo, sua heterogeneidade; uma heterogeneidade que apontava, porém, para um ponto firme: a tradução era uma atividade central na vida do Imperador e não somente uma atividade classificável, conforme os padrões da época, como ocupação de um diletante da tradução que queria somente aprender línguas estrangeiras; mas, ao contrário, a ferramenta estratégica para construir uma rede de contatos e talvez um plano maior de construção de um Brasil independente moldado nos modelos literários, culturais,

³¹ Para mais informações consultar a página do grupo: www.nuproc.cce.ufsc.br

religiosos e políticos europeus, norte-americanos e do Oriente, mas antropofagicamente reelaborados numa nova síntese.

De fato, é quanto menos anômalo que no arquivo encontramos cartas trocadas com católicos liberais como Cesare Cantù, com o francês Renan, com adeptos da religião unitarista norte-americana do Channing, etc. Ao lado de escolhas e contatos canônicos, há uma série não pequena de traduções de textos diria *periféricos* e amizades com personagens da heterodoxia tanto intelectual quanto política e religiosa. Esses aspectos de um plano *contra-hegemônico* pautado na tradução, foram objeto de minha pesquisa de pós-doutorado desenvolvida, em 2013-2014, junto à Faculdade de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Antuérpia na Bélgica.

Evidentemente, não poderei esgotar aqui todas as questões despertadas por esta pesquisa, nem analisar todo o vasto corpus, mas pelo menos tentarei apresentar algumas recorrências e alguns destes textos mais significativos de sua produção ainda desconhecidos ao grande público por serem em sua maioria inéditos.

1. Dom Pedro II: entre política e literatura

D. Pedro II, ou *O Magnânimo*, nasceu em 02 de dezembro de 1825. Governou o Brasil no período de 1840 a 1889. Tornou-se, como já mencionado, um esforçado tradutor, guardando em seus diários traduções de diversas obras, em diversas línguas de nomes como: Dante, Victor Hugo, Longfellow, Manzoni, Schiller, entre outros. Dedicou-se, de igual forma, à troca de correspondências e a encontros com inúmeros intelectuais, poetas e escritores, de diversas partes do mundo. Por meio das cartas e das conversas obtinha informações, tirava dúvidas sobre palavras, trocava opiniões, além de receber apoio desses intelectuais que admiravam sua dedicação à tradução.

Utilizei nesta pesquisa os princípios da Crítica Genética (CG) e dos Estudos Descritivos da Tradução (EDT) para organizar e transcrever esses documentos de processo e para analisar sua criação.

Conforme relata De Carvalho “O Imperador escreveu 5.500 páginas de diário, registradas a lápis em 43 cadernos.” (2007, p. 29); essas páginas se tornam fundamentais para acompanhar o seu processo criativo, pois frequentes são as anotações acerca de sua atividade tradutória e acerca de livros, estudos e encontros. Nos seguintes trechos há uma confirmação da constância com que a atividade tradutória era presente em sua vida e o papel importante que desenvolvia na sua aprendizagem de

línguas e culturas estrangeiras e para a sua afirmação nos polissistemas literário e social:

21 de novembro de 1872 5^h ¼. Tomei o café e vou traduzir do hebreu. (Alcântara, 1999, p. 344)

18 de novembro de 1876 Depois do almoço, enquanto não se seguia traduzi os Atos dos Apóstolos com o Henning [...]. (Alcântara, p. 435)

8 de julho de 1887 [...] 3h ½ Traduzi desde 2 ½ sânscrito com o Seibold.

12 de julho de 1887 [...] [sic] h ½. Acabei de traduzir árabe depois de comparar a tradução dos Lusíadas em alemão com o original e de continuar a traduzir as Mil e uma Noites no original com o Seibold. (Alcântara, p. 539 e p. 543)

1 de maio de 1888 [...] 8h ¾ Não pude acabar de traduzir o Soneto de Manzoni falando de si.

11h 40' [...] Traduzi o soneto que Manzoni fez a si [...]. (Alcântara, pp. 678-679)

Em outros diários, após redigir uma primeira versão da tradução, quase sempre auxiliado por um especialista da língua e da cultura de origem, mandava transcrever a versão que, às vezes, retrabalhava; e antes disso, ou depois, conforme os casos, enviava suas traduções para intelectuais, tanto para presenteá-los com sua criatividade quanto para receber deles admiração, estima e um retorno acerca da qualidade de seu trabalho:

27 de novembro de 1890 (5a fa.) [...] 10¾ Hebraico e Camões. Estou acabando quase a comparação da tradução alemã dos Lusíadas com o original. [...] Li a minha tradução do árabe do conto das Mil e Uma Noites, que está lendo a mulher do Mota Maia a esta e ao marido seguindo-a ela em francês, e parecendo a ambos boa a que eu fiz. Como continuei a minha tradução nesse livro em branco só lhes deixei o livro da minha tradução que está todo escrito e vou procurar o anterior para lhes emprestar também [...]. (Alcântara, p. 878)

E ainda encontramos nos diários testemunhos do despertar súbito do desejo de traduzir determinado poema, o estudo aprofundado que seguia a esse primeiro momento de estímulo criativo e, em seguida, as transcrições e o envio para amigos e confiantes em busca de um julgamento ou de uma atestação de seu trabalho, confirmando certa regularidade no seu sistema criativo:

17 de maio de 1891 [...] 10h Li pouco de poesia do Liégeard, estudando-a para traduzi-la. (Alcântara, p. 981)

28 de julho de 1890 [...] Deu-me vontade de traduzir a balada de Schiller [...].

6 de agosto de 1890 [...] Vou à tradução do Sino de Schiller depois de ter copiado o soneto com a data de hoje para dá-lo à condessa. (Alcântara, p. 819 e p. 822)

16 de agosto [...] 4h $\frac{3}{4}$ Acabei de ditar à Japurazinha a cópia de minha tradução de Schiller.

17 de agosto [...] 10h 10' Chegando à minha sala achei a Japurinha na cópia de minha tradução de O Sino de Schiller [...]. (Alcântara, p. 828)

2. Dom Pedro II e Alessandro Manzoni

De todas essas traduções citadas nessas páginas do diário, resolvi abordar aqui a tradução do italiano para o português da ode de Alessandro Manzoni "*Il Cinque Maggio*". E foi justamente por causa da tradução da ode que ele começou a corresponder-se com o poeta e escritor italiano. Segundo Lyra (1938), as correspondências com Manzoni se estenderam por cerca de 20 anos. Tendo início com um simples pedido de autógrafa e algumas estrofes da ode em junho de 1851. As cartas que se seguiram foram mais próximas e o Imperador já mais familiarizado com Manzoni permitiu-se comparar, apreciar o poeta e sua poesia. Encontraram-se pessoalmente em 1871, em Brussaglio.

O prototexto desta pesquisa se constitui de manuscritos digitalizados adquiridos junto ao Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis e inclui: cartas de Manzoni a Dom Pedro II e vice-versa (15 no total); um manuscrito em italiano do original de Manzoni, uma versão autógrafa de tradução da poesia "*Il Cinque Maggio*" de autoria do Imperador e outra versão manuscrita de autoria do Barão da Barra.

Como dito, é exatamente em 1851 que Dom Pedro II traduz pela primeira vez a ode “*Il Cinque Maggio*” que retoma em 1869 e em 1871, mas somente esta última versão foi encontrada no Museu Imperial de Petrópolis. Das outras versões do Imperador não há ainda os manuscritos, mas somente transcrições e citações indiretas, encontradas nos livros de 1932 de Medeiros e Albuquerque (pp. 42-47) e de Alessandra Vannucci de 2004 (pp. 79-80).

Recentemente, tenho porém encontrado uma publicação de 1885, editada exatamente no dia 5 de maio, no 64 aniversário da morte de Napoleão ao qual é dedicada a ode, com três traduções publicadas no Rio de Janeiro: a de José Ramos Coelho, a de Dom Pedro de Alcântara (como consta no livro) e a do Visconde de Porto Seguro F. A. de Varnhagen; essa publicação possibilita uma primeira análise descritiva. O livro intitulado *Cinco de Maio. Ode Heroica de Alexander Manzoni e Três versões em Português* traz um proêmio do não identificado M. O.

Tanto no proêmio, quanto nas notas explicativas à tradução do Imperador há importantes dados sobre a fortuna crítica da tradução de Dom Pedro, o seu reconhecimento por parte da comunidade internacional de letrados, da qual almejava fazer parte, e a confirmação do julgamento absolutamente parcial que dessa atividade e de sua qualidade os biógrafos fizeram; citando um dentre todos Medeiros e Albuquerque que prefaciou a reedição de 1932 da primeira e única coletânea de poemas e traduções do imperador publicada até hoje, em 1888. Nela, Medeiros (1932, p.7), que não se consegue entender por que resolve reeditar e escrever o prefácio de algo que tão asperamente julga péssimo, diz: "Ele sempre foi (podem vê-lo) integralmente péssimo: deficiência de ideias, imperfeição de técnica". É verdade que Medeiros se refere aos sonetos e não às traduções de Dom Pedro, mas parece quanto menos estranho que, por outro lado, intelectuais europeus e norte-americanos da fama de Manzoni e Longfellow elogiassem a qualidade das traduções de Dom Pedro; quem não sabe escrever sonetos não sabe nem traduzir sonetos! O proêmio é uma destruição de tudo o que Dom Pedro fez ao longo de seu reinado tanto como político quanto como letrado e tradutor; é tão evidente a finalidade ideológica de Medeiros que esse prefácio só tem hoje em dia valor historiográfico. Não quero aqui defender totalmente os feitos de Dom Pedro II, mas julgar sua produção literária e tradutória e o papel dessa na política imperial fundamentando essa leitura em dados empíricos e não em pressuposições apriorísticas injustificadas.

A ode foi de imediato aclamada pela crítica italiana e europeia e traduzida por grandes nomes da literatura mundial, como Goethe, Lamartine, entre outros. Cabe dizer que em já em 1882 o Sr. C. A. Meschia reuniu em um elegante volume as diferentes versões da ode de que teve conhecimento, ao qual deu o título: *Ventisette traduzioni in varie lingue del Cinque Maggio di Alessandra Manzoni*, na qual está incluída a do Imperador e considerada por ele, em uma carta que trocou com o Dom Pedro, uma das melhores:

Majestade,
cumpro somente meu dever ao emprestar
à Vossa Majestade um exemplar da coletânea
de 27 traduções em diferentes línguas
do Cinco de Maio de Alessandro Manzoni, por
mim
publicada, pois uma das mais excelentes, e que
enriquece a própria coletânea é,
na opinião de todos
aquela que traz Vosso Augusto Nome.
(Meschia, 1883, fôlio 01).³²

No seu proêmio, o desconhecido autor (apud Manzoni, 1885, pp. 17-8), após listar todas as 28, e não 27 traduções como Meschia havia escrito, em vários idiomas da ode, afirma o seguinte acerca das três em português:

Das portuguesas, a do Sr. José Ramos Coelho era já ha muito lida no seu apreciado livro de *Novas Poesias*; porém a de S. M. o Imperador do Brazil cremos ser inteiramente desconhecida de quasi todos os leitores, tendo sido apenas ouvida de raros Íntimos nas palestras Litterarias de S. Christovam. O livro onde se estampou não o possuem as bibliothecas publicas d'esta capital, e tão pouco se encontra aqui á venda em casas de livreiros. Logo é pois uma incontestável novidade

³² Tradução minha. *Maestà,/ Non faccio che adempiere un dovere presentando/ alla Maestà Vostra un esemplare della raccolta/ di ventisette traduzioni in varie lingue/ del Cinque Maggio di Alessandro Manzoni, da me/publicata, poichè una delle più eccellenti, dalle quali/ la raccolta stessa trae pregio è, a comum giudizio/ quella che porta il Vostro Augusto Nome.* Fac-símile de uma carta de Carlo Attilio Meschia a D. Pedro II (09 agosto 1883). MAÇO 189 DOC. 8599. Arquivo Histórico de Petrópolis.

litteraria, um mimo precioso a regia traducção com que hoje brindamos, neste breve opusculo, o público inteligente. Adicionâmos a versão do falecido Visconde de Porto-Seguro, (F. A. de Varnhagen) impressa na 2a serie de *Lysia Poética*, edição exausta e livro já pouco comum.

O autor destaca a preciosidade da publicação da tradução do Imperador, pois, como mencionado, sua primeira coletânea será somente publicada em 1888 pelos netos, e até então suas traduções e composições só circulavam por cartas entre intelectuais com que se correspondia e em manuscritos autógrafos que emprestava a intelectuais da época, como os Mota Maia, para que eles pudessem julgar seu valor.

O autor do próêmio, continuando sua apresentação da tradução imperial, destaca o fato de não ser essa tradução um fato isolado, mas algo comum na vida do imperador, atestando pelo menos o fato de que se conhecia seu interesse pela atividade tradutória e que não era somente uma distração poética, como ele aqui a descreve, e que suas traduções eram lidas no Paço no Rio e já avaliadas discretamente, ou seja circulavam e circulava também uma apreciação positiva paralela à que em pouca consideração colocava essas produções do Imperador:

A traducção do *Cinque Maggio* não é de certo a primeira distracção poética em que S. M. tem empregado os lazeres do seu grave officio de reinar. Entre esses trabalhos, conta-se uma versão do grego, nada menos que o *Promelheu* de Eschylo, de que o falecido Dr. Duque-Estrada Teixeira leu trechos em duas conferências da Glória. Diz-se ter também trasladado o v canto do *Inferno*, o formoso episódio de Francisca de Rimini, versão á qual gratos rumores segredam discretos applausos. (Manzoni, 1885, p. 68)

A grande admiração reciproca entre ele e Manzoni e a relação intelectual e criativa é testemunhada por uma das tantas cartas que trocaram ao longo de suas vidas. Na seguinte transcrição da carta de 15/04/1853 há por sinal uma confirmação não somente da tradução, mas da discussão minuciosa que entretinham acerca do processo criativo de ambos, a saber:

Nunca vi as duas variantes de alguns versos da minha ode que muito gentilmente aceitou e aos quais faz referência; nem poderia procurar por elas pois eu mesmo pedi que não fosse permitida a entrada na Itália das edições estrangeiras dos meus textos. A única variante que eu conheço é a do Ferve substituída ao serve. E para não contradizer o hábito dos poetas, defenderei fortemente minha variante, tanto por causa da antitesi, à qual Sua Majestade acenou, quanto porque o sentimento que seria expressado pelo Ferve já aparece nas palavras ansia e indocile no verso anterior. (Tradução nossa)³³

A estrofe acerca da qual discutem na carta e que apresenta, em algumas edições estrangeiras, variantes que tanto Manzoni quanto Dom Pedro consideravam duvidosas é a que coloco aqui ao lado das outras duas versões em português para acenar a uma análise descritiva:

Francisco A. de Varnhagen	José Ramos Coelho	Pedro de Alcântara	Alessandro Manzoni
O procelloso e trepido Gosar de vastos planos, Do nobre peito as âncias A um reino entre os humanos Logrou feliz, com prêmios Insanos de idear.	O procelloso e trepido Prazer d'uma alta empreza, A ância de um peito indomito Que sonha a realeza, E a ganha, e alcança um prêmio Que era loucura esp'rar,	O procelloso e trepido Prazer d'um grande plano, A ância de quem indomito Serve p'ra ser sob'rano, E o é; e ganha um prêmio, Que era mania esp'rar;	<i>La procellosa e trepida Gioia d'un gran disegno, L'ansia d'un cor che indocile Serve, pensando al regno, E il giunge, e tiene un premio Ch'era follia sperar,</i>

³³ [CARTA DE MANZONI A D PEDRO- 15/04/1853] Maço 119 - Doc 5892. Arquivo Histórico de Petrópolis. *a quasi tutte le lezioni differenti d'alcuni versi dell'ode di cui/ ha voluto gradire con tanta degnazione una mia copia. Le due/ edizioni di cui mi fa cenno, io non le ho mai viste, e non potrei/ procurarmele, avendo io medesimo fatta istanza perché non fosse/ permessa l'entrata all'edizioni straniere de' miei scritti. La sola/ variante che mi sia nota, è quella del Ferve sostituito al serve./ E, per non mancare all'usanza de' poeti, difenderò arditamente/ la mia lezione, e per il merito dell'antitesi, accenata dalla/ Maestà Vostra, e perché il sentimento che sarebbe espresso/ dal Ferve è già toccato implicitamente nelle parole ansia e/ indocile, del verso precedente.*

No caso de Dom Pedro, a consulta com o autor italiano parece ter levado a um respeito da versão original. Esse exemplo mostra o cuidado e o profundo conhecimento dos textos e autores que Dom Pedro II traduzia. Conforme Teixeira (1917, p. 78):

A verdade, porém, é que D. Pedro II manejava os versos com a mesma maestria com que burilava a prosa, em qualquer idioma europeu. De todas as traduções vernáculas da celebre ode de MANZONI a NAPOLEÃO, nenhuma se iguala à do Imperador, que a traduziu literalmente, verso a verso, na mesma metrificação, mantendo as onomatopéias do original e até a mesma expressão - *a onda dos cavallos*, que pinta ao vivo o estrépido da cavallaria.

As opções apresentadas indicam a aproximação de Dom Pedro ao original italiano tanto no plano formal, com o respeito quase total da morfossintaxe do original, e também uma identificação com o tema abordado por Manzoni; como não pensar que os versos dessa estrofe não o tenham tocado: "A ância de quem indomíto/Serve p'ra ser sob'rano / E o é [...]".

Outra consideração, ainda que não citada ,na troca de informações entre Manzoni e D. Pedro II, é sobre a ocorrência do termo *procelloso* sem nenhuma alteração no texto traduzido. O comportamento conservador em relação às opções lexicais demonstra uma aproximação às normas da tradução da sua época que prezava a fidelidade ao original. A análise dessa ocorrência foi determinada como manutenção de um latinismo culto de alcance restrito que confirma a tendência, apontada anteriormente, de D. Pedro II - a de manter sua tradução próxima ao original mesmo que as opções escolhidas se distanciassem do que seria mais comum para a língua alvo, ou seja, o português da época; caracterizando-o então como um tradutor *source oriented* e mais estrangeirizador do que domesticador.

Referências Bibliográficas

ALCÂNTARA, P. de. *Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1890*. In: BEDIAGA, Begonha. (Org.) Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

CARVALHO, J. M. de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LYRA, H. *História de Dom Pedro II, 1825-1891*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1977.

MANZONI, A. *Cinco de Maio*. Ode heroica de Alexandre Manzoni e três versões em português, Rio de Janeiro, 1855.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Poesias completas de Dom Pedro II*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1932.

ROMANELLI, S.; SOARES, N. G.; SOUZA, R. de. *Dom Pedro II: Um tradutor imperial*. Tubarão: CopyArt/PGET, 2013.

TEIXEIRA, M. *O imperador visto de perto*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurilio, 1917.

VANNUCCI, A. (org.). *Uma amizade revelada*. Correspondência entre o Imperador dom Pedro II e Adelaide Ristori, a maior atriz de seu tempo. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.